



DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E CARNAVAL: OLHARES POSSÍVEIS

Edivaldo dos Santos e Silva¹

Alexandre Cougo de Cougo²

RESUMO

O seguinte estudo vem trazendo o processo de desenvolvimento da cultura carnavalesca e suas transformações desde seus primórdios até os dias atuais, buscando uma ligação entre a Educação e o Carnaval, e trazendo a minha vivência no Carnaval de Corumbá como fonte de inspiração, onde realizamos um diálogo constante entre as práticas carnavalescas com as práticas pedagógicas. Como mobilização à ação investigativa trazemos o seguinte questionamento: “O que os estudos dizem sobre a relação entre o carnaval e as possibilidades de experiências pedagógicas de seus participantes”? Como objetivo geral almejamos compreender como emergem as questões pedagógicas e formativas nas experiências do carnaval. Por sua vez, como objetivos específicos se estabeleceu estudar possibilidades da educação desde a vivência de organização do carnaval, assim como conhecer diferentes produções acadêmicas construídas a partir da problemática da interrelação entre o carnaval e a educação. Assim, a presente pesquisa se caracteriza por ser uma investigação qualitativa que se utiliza das bases de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que tentou responder ao questionamento inicial elaborado desde as possibilidades de relação entre o carnaval e a educação a partir de uma busca em estudos e escritas desenvolvidos e publicados no sítio eletrônico do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Os resultados obtidos compreenderam que o Carnaval, assim como a Educação, quando em contato com seus participantes sociais se transforma e provoca transformação nos envolvidos. O Carnaval em contato direto com a cultura afro no Brasil se tornou uma fonte de representatividade de um povo, que não tomou para si, mas tornou a cultura

¹ Autor do Trabalho de Conclusão de Curso. Graduando em Pedagogia Licenciatura - Campus do Pantanal/UFMS. edivaldo_santos82@hotmail.com

² Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso. Doutor em Educação Ambiental e Professor do Curso de Pedagogia - Campus do Pantanal/UFMS. alexandre.cougo@ufms.br

do Carnaval cada vez mais plural, e que vem ganhando novos adeptos a cada novo Carnaval. As Escolas de Samba levam práticas educativas às comunidades onde estão estabelecidas e trazem conhecimento de diferentes culturas em seus enredos na forma de música e teatro das alegorias nas avenidas do Brasil. Enfim os agentes do Carnaval aprendem brincando, e na expressão do lúdico transformando vidas.

Palavras-chave: festa popular; experiência educativa; cultura; formação.

ABSTRACT

The following study has been bringing the process of development of carnival culture and its transformations from its beginnings to the present day, seeking a connection between Education and Carnival, and bringing my experience in the Carnival of Corumbá as a source of inspiration, where we carry out a constant dialogue between carnival practices and pedagogical practices. As a mobilization for investigative action, we raise the following question: "What do the studies say about the relationship between carnival and the possibilities of pedagogical experiences of its participants?" As a general objective, we aim to understand how pedagogical and formative issues emerge in carnival experiences. On the other hand, the specific objectives were to study the possibilities of education from the experience of organizing the carnival, as well as to know different academic productions built from the problem of the interrelationship between the carnival and education. Thus, the present research is characterized by being a qualitative investigation that uses the bases of a bibliographic research, since it intended to answer the initial question elaborated from the possibilities of relationship between carnival and education from a search in studies and writings developed and published on the website of the Portal of Periodicals of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - CAPES. The results obtained understood that Carnival, as well as Education, when in contact with its social participants, transforms and causes transformation in those involved. Carnival in direct contact with the Afro culture in Brazil has become a source of representation of a people, who have not taken it for themselves, but have made the culture of Carnival increasingly plural, and who have been gaining new followers with each new Carnival. The Samba Schools bring educational practices to the communities where they are established and bring knowledge of different cultures in their plots in the form of music and theater of the allegories on the avenues of Brazil. In short, the agents of Carnival learn by playing, and in the expression of playfulness, transforming lives.

KEYWORDS: popular festival; educational experience; culture; training.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma mobilização pessoal e tem como objetivo aprofundar por meio de pesquisa bibliográfica a busca de fundamentos teóricos visando compreender como funciona o processo de criação e transformação do/com o carnaval, na expectativa de encontrar uma ligação ou relações entre os processos educativos e a referida festa popular.

Mesmo conhecendo e vivenciando uma boa parte da minha vida no ambiente do Carnaval, precisava entender como se deu a origem desta cultura e quais influências sofreu através do tempo. Agora como pesquisador e futuro professor consigo separar o que é paixão do que é fato, e na busca desses fatos que comprovem a importância cultural do Carnaval e o que ele provoca na vida das pessoas, compreender se realmente a festa do Carnaval carrega com ela uma representatividade não percebida por uma parcela da sociedade, pois é um movimento que vem sofrendo constantes ataques por uma parcela da sociedade, talvez por trabalhar nas comunidades como fonte de conhecimento, reconhecimento e de lutas por classes sociais a muito tempo esquecidas pelos que controlam a sociedade.

Com o crescimento da importância cultural e o ganho de um poder político, o Carnaval torna o povo mais consciente do seu papel na sociedade, talvez por isso tenha se transformado no grito de liberdade e fonte de sabedoria da cultura popular, sempre tocando em temas polêmicos com o objetivo de provocar uma mudança de mentalidade. Com esse poder de transformação, tornando o ser humano mais preocupado com seu próximo, e promovendo em seus enredos muita informação, e com os projetos sociais nas comunidades em diferentes lugares do Brasil, podemos dizer que o Carnaval desenvolve um papel educacional?

Sou de Corumbá, cidade localizada na região oeste do estado de Mato Grosso do Sul, a qual faz fronteira com a vizinha nação Bolívia³. Esta é uma cidade que respira intensamente cultura, banhada pelo imenso rio Paraguai⁴, e conhecida como capital do Pantanal⁵, sendo a cidade mais antiga deste jovem estado, que é resultado da divisão do estado de Mato Grosso, ocorrida em 1977. Nasci e fui criado nesta terra e, embora já tenha viajado para outros estados e cidades, me sinto como parte da cidade. Por sua vez, o Carnaval sempre esteve presente na

³ Puerto Quijaro é uma cidade situada na província de German Busch, no leste do Departamento de Santa Cruz, na Bolívia. Apresenta um clima tropical e se encontra no Pantanal Boliviano. Fundada em 18 de junho de 1940, conta com uma população de aproximadamente 15000 habitantes e faz fronteira com Corumbá - Brasil.

⁴ O Rio Paraguai nasce em Mato Grosso e banha, além do Brasil, outros três países vizinhos: Bolívia, Paraguai e Argentina, desaguando no rio Paraná, na Argentina, e tendo a extensão de 2695 km.

⁵ O Pantanal é conhecido como a maior planície alagada do mundo, localizado na região centro-oeste do Brasil nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além da Bolívia e Paraguai. Considerado o Bioma mais preservado do país, conta com 60% do Pantanal ocupando o território de Corumbá, o que fez com que essa passasse a ser conhecida como capital do Pantanal.

minha vida: nascido no dia 23 de fevereiro de 1982, era Carnaval, e minha mãe conta que sentiu as dores e foi de jipe para a maternidade, onde minhas tias - suas irmãs - a acompanharam até o local, todas fantasiadas e com “a cerveja na mente”. Nasci às 18 horas, por meio de uma cesariana. Minha mãe já estava com 6 meses de gestação e o médico resolveu realizar o parto porque ela havia realizado uma operação de laqueadura com dois meses de gestação, sem que soubesse que estava grávida, o que fez com que a gravidez se tornasse de risco. As dores de parto eram frequentes, e com seis meses eu nasci. Após meu nascimento minhas tias me deram um banho de cerveja, em pleno Carnaval. Dali partiram para comemorar o meu nascimento, enquanto eu fiquei ainda alguns meses internado, por ter nascido prematuramente e por que necessitava ganhar peso (havia nascido com apenas 1 quilo e 800 gramas).

Os anos se passaram e logo cresci. Ainda lembro como se fosse hoje, quando eu ia junto da minha mãe para visitar minha tia, prima/irmã do meu pai, criadora e fundadora e até aquele momento presidenta da escola Grêmio Recreativo e Escola de Samba Império do Morro. Isso no ano de 1989, quando a escola tinha 30 anos de sua fundação, sendo até então a agremiação mais antiga em funcionamento na cidade. Lembro que o barracão da escola funcionava na casa da minha tia, localizada na área central da cidade, mais exatamente na esquina da rua Joaquim Murtinho com a Antônio João. A casa vivia lotada de fantasias onde ela passava dias e dias desmontando as antigas e criando novas, tudo já pensado de acordo com o tema do enredo do próximo carnaval.

Ela vivia e amava o que fazia, e infelizmente se foi no ano de 2007, já bem idosa, com seus 87 anos de idade. Mas o seu último pedido foi atendido: queria que fosse feita uma grande festa de carnaval em seu velório, pois a alegria era sua marca, e não queria ninguém chorando ou lamentando sua partida. Ela pediu e foi atendida, com um dia de homenagens com muito samba, com baterias de várias escolas juntas e passistas, e até hoje recebe homenagens por ser considerada a baluarte do carnaval de Corumbá. Seu nome, Venancia Duarte, mais conhecida como Dona Venancia. Sua escola hoje não é mais comandada por membros da família, mas sim por diversos diretores que sempre estiveram com ela fazendo da escola a maior campeã do carnaval da cidade, mas é um ciclo que se renova junto com o carnaval.

Voltando a minha infância para outro fato que me influenciou de certa forma em minha aproximação com o carnaval: o meu tio, irmão da minha mãe, era capoeirista, mestre-sala e carnavalesco, e desfilou por muitos anos na Império. Porém, nos anos próximos ao meu nascimento, ele foi um dos fundadores de outra agremiação também muito conhecida na cidade, na qual foi dado o nome de Grêmio Recreativo e Escola de Samba Vila Mamona, uma homenagem ao local onde era realizado as rodas de samba. Em casa, quando ia se aproximando o carnaval, já o víamos todo animado na confecção das fantasias que ele iria sair na escola, a

qual agora era a do seu coração, com muitos paetês e cores. Eram fantasias de luxo, e isso ficava mais evidente porque ele era uma pessoa feliz, sempre sorrindo, contente, bem como parecia conhecer muitas pessoas na cidade, e muitos vinham o visitar. Infelizmente não consegui ter tanta convivência com ele, pois ele faleceu vítima fatal de uma briga que ocorreu em uma festa em um local onde funciona a Grêmio Recreativo e Escola de Samba A Pesada. Partiu, mas deixou a alegria como lembrança, bem como seu gosto por sambar e a sua disposição para ensinar.

Os anos se passaram e eu sempre achava tudo lindo sendo construído pelas mãos das pessoas nas comunidades, mas foi no ano de 2015 que vi num anúncio, em uma rede social, a formação de um grupo para praticar handebol e, como era próximo a minha casa, então me inscrevi e comecei a praticar. Eram dois grupos, um masculino e outro feminino, mas era um grupo bastante unido. Uma das participantes anunciou que estaria vendendo cachorro-quente em sua casa em uma sexta-feira à noite, e então marcamos de ir ao local para prestigiar. Ao chegarmos lá estava ocorrendo um ensaio da escola de samba que pertencia à família dela. Era uma escola nova, com 6 anos de fundação, com o nome Grêmio Recreativo e Escola de Samba Caprichosos de Corumbá.

Foi algo que não estava esperando e iniciamos uma amizade. Me senti bem acolhido e então comecei a frequentar o barracão da escola. Com o passar dos dias já estava ajudando, praticamente morando na escola de samba; me sentia em casa e já estava ajudando a fazer as fantasias e logo estava contribuindo com ideias e sugestões. Fui convidado a sair como diretor, sendo que o enredo neste ano foram as festas regionais. No carnaval seguinte já fui chamado a participar. Logo teve uma nova eleição e entrei na chapa única para ser o primeiro tesoureiro, no qual eu era responsável na gestão dos recursos da escola para o carnaval.

Foram três anos na presidência onde trabalhamos os enredos sobre a ganância e a corrupção, logo no primeiro ano, onde mostramos que a corrupção no Brasil vem desde a chegada dos portugueses, onde tentaram comprar/cooptar os índios com objetos trazidos da Europa, e depois trouxemos uma ordem cronológica até os dias atuais. No ano seguinte trabalhamos o tema da importância de cada um/a na sociedade, com o enredo que rei sou eu? Trouxemos os reis do Brasil, da música ao futebol, do cangaço ao rei do baião, além de outros para ressaltar a construção da identidade de um povo e da importância de cada pessoa. No último ano fizemos uma homenagem ao distrito de Albuquerque, local onde se originou a cidade de Corumbá, e contamos desde a chegada do trem, a guerra do Paraguai, suas lendas e festas regionais.

Nesse período iniciei o curso Normal Médio, sendo que esse foi meu primeiro contato com a educação, em vê-la por outros olhos, além de aluno agora como educador. Me apaixonei

pelo ambiente escolar e, mesmo sabendo das dificuldades, decidi que queria ser professor, ser um pedagogo. Desta forma, ao terminar o Normal Médio no ano de 2018, realizei a avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e consegui uma vaga na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Iniciei esse novo desafio da minha vida, realizando meu sonho em estudar em uma universidade pública.

Na escola de samba os ensaios estavam para começar e como nossa antiga rainha pediu afastamento, decidimos colocar a nossa musa trans como rainha. Ela aceitou na hora, ficou muito feliz, pois com essa decisão tão pessoal estávamos fazendo um reconhecimento pelo esforço dela e quebrando um tabu no carnaval de Corumbá. Desde então ela comanda a bateria da escola com seu talento e dedicação. Este fato ganhou destaque em toda a mídia local e no estado. Naquele momento nossa diretoria era composta por duas professoras de História, um professor de Matemática, um professor de Artes e eu com o Normal Médio e iniciando a Pedagogia. Nosso carnavalesco era um pedagogo e nosso mestre de bateria, que estava iniciando os trabalhos na escola neste momento, era acadêmico em Letras também na UFMS, o que também ganhou destaque nacional pelo fato do mesmo ser deficiente visual, comandando com garra a nossa bateria junto a nova rainha.

Estes são fatos que trago para ressaltar o papel do carnaval na minha vida e como este também atua no resgate da autoestima das pessoas e de conquista de espaço na sociedade, com oportunidade e respeito, proporcionado a transformação de vidas. Foi um ano de mudanças onde recebemos destaque na cidade perante as outras agremiações. Com o término do tempo de mandato da equipe na qual eu participava, surgiram vários convites. Nosso carnavalesco foi para a escola Império do Morro; eu recebi convites diversos. A nova diretoria da Caprichosos decretou luto e não desfilou no ano de 2020. Desta forma fui trabalhar com a Grêmio Recreativo Escola de Samba Marques de Sapucaí, onde iniciei em dezembro do ano de 2019. Com todo o trabalho já pronto na Marques, e faltando um mês para o carnaval, recebi o convite do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Corumbaense, que nesta época dividia o barracão com a escola Vila Mamona, e assumi a responsabilidade por confeccionar os carros alegóricos. Foi corrido, mas foi gratificante, sobretudo por ver que a disputa só ocorria no dia do desfile, pois o espetáculo era para o público. Ver os presidentes junto aos adrecistas arrumando para deixar tudo pronto para o desfile, me revela o quanto o carnaval traz no meio das comunidades essa luta e os sentidos de igualdade. Integrantes de blocos também estavam sempre presentes com o objetivo de ajudar.

O carnaval ajudou a me modificar como pessoa. Sou católico, inclusive tendo sido catequista, e as escolas de samba são uma mistura de religiões, com o catolicismo, o espiritismo, a umbanda e o candomblé, onde o assunto religião nem entra em pauta, e sim a união, o

carnaval, a música e a alegria. O que o mundo poderia aprender com isso, onde todos trabalham juntos, não concordam em tudo, compartilham da mesma refeição, sem luxo pessoal, por que o luxo e o capricho estão nas fantasias? O que eu levo para minha vida agora como futuro professor? Qual influência o carnaval trouxe para minha vida? Como vou trabalhar com meus alunos para que eles se respeitem, entendam as diferenças entre eles e o que os torna únicos e especiais, onde com um bom aprendizado consigam fazer a diferença na própria vida e das outras pessoas? Como nos fala Brandão (2008, p. 164), “Educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.”

Contudo, mesmo convivendo boa parte da minha vida dentro de barracões, necessito compreender se a minha vivência dentro desses espaços contribuiu para minha formação, para minhas escolhas, e se sim, como através desse estudo eu posso também estar ajudando de alguma forma outras pessoas a compreenderem o real significado e importância das escolas de samba e desta festa popular na formação e subsistência das comunidades onde estão inseridas. Sendo assim, trago o seguinte questionamento para melhor compreender o papel do carnaval: “O que os estudos dizem sobre a relação entre o carnaval e as possibilidades de experiências pedagógicas de seus participantes”?

Para chegar as respostas desse questionamento foi traçado como objetivo geral compreender como emergem as questões pedagógicas e formativas nas experiências do carnaval. Por sua vez, como objetivos específicos se estabeleceu estudar possibilidades da educação desde a vivência de organização do carnaval, assim como conhecer diferentes produções acadêmicas construídas a partir da problemática da interrelação entre o carnaval e a educação.

Nos próximos movimentos deste estudo serão apresentados, primeiramente, o contexto histórico que define o carnaval enquanto festa popular, sua origem e sua presença no Brasil e em Corumbá. Posteriormente, serão apresentadas as pesquisas encontradas a partir do trabalho metodológico de busca pelo conhecimento e, por fim, serão dialogadas com algumas considerações finais.

CONTEXTO HISTÓRICO DO CARNAVAL

A Origem no Mundo

Há relatos de historiadores que indicam que os primeiros festejos de carnaval tenham se iniciado há 10.000 anos ou há aproximadamente 4.000 anos. Segundo Eneida de Moraes (1987, p.14) citada por Moroni (2011 p.15) aponta que para alguns

[...] as origens do carnaval são encontradas uns 10.000 anos antes de Cristo, isto através de culto agrário que era praticado por homens e mulheres, estes com as caras escurecidas e

cobertos de peles ou plumas. Para outros, ainda conforme a autora, o carnaval teria nascido nas festas pagãs como a de Isis e do boi Apis entre os egípcios e para outra corrente a origem do carnaval encontrar-se-ia nos bacanaís, Lupercais e saturnais de Roma.

Entre os romanos, em 15 de fevereiro na Roma antiga, as dionisíacas realizavam-se com danças e festas em homenagem ao deus Dionísio e festa em honra a Baco, deus do vinho. Já entre os gregos as festas recebiam o nome de Lupercais, pois homenageavam o deus Lupércio ou Pã, protetor dos pastores e dos rebanhos.

Mourão (2006) citado por Moroni (2011 p.16) relata que os romanos, nas calendas (nos primeiros dias) de janeiro, após o início do Ano Novo, comemoravam as saturnais, festividades instituídas por Janus em memória do deus Saturno, que, pela lenda, teria transmitido a arte da agricultura aos italianos, com seu início histórico de 217 a.c. Nestas festas acontecia a inversão de papéis onde o patrão ocupava o lugar dos escravos, que nessa ocasião se sentavam a mesa eram servidos pelos patrões comiam e bebiam, as cidades eram tomadas pelas festas dos escravos que aproveitam o dia de liberdade, aqueles que se sentiam incomodados com a festa dos escravos partiam para suas fazendas até acabar os dias de festas, que o tempo foi se modernizando adotando o uso de máscaras, música e dança, e com o tempo a igreja se viu obrigada a adotar as festividades do Carnaval no seu calendário (Moroni 2011).

O Carnaval e sua chegada ao Brasil

O Carnaval é a maior manifestação cultural do Brasil, ao se tratar de festa popular. No Brasil o Carnaval se originou de costumes trazidos pelos portugueses que nada se parece com a festa que conhecemos hoje.

Segundo Martinho, Prudente, Silva (2020, p. 316), pelas narrativas de viajantes e artistas, foi constatada inequívoca violência presente nas festas de carnaval de importantes famílias tradicionais.

O início do carnaval no Brasil, ao estilo europeu, não era nada popular e sim algo para poucos, ainda era algo que não tinha chegado às cidades, era comemorado em fazendas, onde ocorria todo tipo de atrocidade.

Segundo Martinho, Prudente, Silva (2020 p. 316),

[...] nas festas dos sobrados as moças recatadas de famílias tradicionais recepcionavam os jovens visitantes, que eram recebidos com atrocidade, pois atiravam água suja, artefatos domésticos, garrafas, vasos e até calçados, que provocavam também graves constrangimentos físicos nos convidados.

Notamos que os costumes trazidos da Europa se tratavam de algo desumano e desrespeitoso aos convidados, sobretudo por se tratar de famílias tradicionais onde a etiqueta era algo muito importante.

Martinho, Prudente, Silva (2020) dizem que as principais vítimas dessa festividade foram os escravos, na condição de participante compulsório, vivendo toda sorte de investidas por parte das senhoritas de família. Esses fatos ocorreram no século XIX, onde as festas carnavalescas eram somente para famílias que tinham posses, e segundo Souza (2017) citado por Martinho, Prudente, Silva (2020),

[...] no século XIX, com a chegada da missão francesa, influenciando o noma da família patriarcal, cujo tradicionalismo de pessoalidade vai abrindo espaço para relações trazendo ações de mais racionalidade e da individualidade europeia moderna, que se impõe com a presença da família real Portuguesa e a sua corte no Brasil.

Deste modo as festas não cessaram e sim foram se modificando, trazendo mais significado de festividade do que os atos de humilhação social como vinham ocorrendo. Os atos de agressividade não acabaram, mas sim foram modificados, por exemplo, nas festas de salões o arsenal agora foi substituído por confetes e serpentinas. Os autores ainda destacam que o carnaval no Brasil encontrou no estilo de vida dos escravos africanos um fator de humanização, considerando a organização sociocultural com base no samba que configurou em diferentes manifestações (Martinho, Prudente, Silva 2020).

Com o passar do tempo o carnaval se transformou como a própria identidade de um povo que, com sua alegria, fez o carnaval do Brasil como algo único no mundo, na luta pela sua liberdade contra os abusos praticados contra os escravos, uma luta que se mistura nos cantos praticados nos morros e nas escolas de samba, que surgem como representação concreta dos seus anseios sociais, históricos e culturais.

A escola de samba trouxe a corporalidade musical do povo negro, resultado das comunais de solidariedade gregária dos rituais de matriz africana. A força da religião afro no Brasil surge como sinônimo da força de um povo que foi escravizado e tirado do seu país, sem expectativa de volta à mãe África. Esse mesmo povo produz no Brasil, através da preservação da sua cultura, uma oportunidade de escrever sua própria história.

Desse modo, o apelo popular do carnaval é resultado da presença negra dos folguedos das escolas de samba e do maracatu, dada a essência gregária de ritualidade lúdico comunal, e se estabelece como possibilidade de pertencimento miscigênico (Prudente, 2019b, parafraseado por Martinho, Prudente, Silva, 2020, p. 317).

Nota-se que com o passar dos anos o Carnaval foi ganhando mais força e adquirindo sua identidade, através da junção da cultura afro com a festa Carnavalesca, tornando-o mais belo, com mais diversidade e vem ganhando mais adeptos de diferentes movimentos, mas a sua raiz hoje está clara e firme na cultura e na alegria do povo africano que fez o Brasil como sua nova casa.

Agora conhecendo um pouco mais da história do Carnaval no Brasil consigo notar uma mudança, uma reformulação da festa. No Brasil foi reinventado uma forma mais plural de fazer Carnaval, sendo acrescentado múltiplas formas de expressá-lo e vivê-lo, com fortes marcas da diversidade cultural brasileira. Assim, conhecendo um pouco mais da história do Carnaval posso dizer que, o povo negro sem ver a possibilidade de regresso, o povo africano foi se ressignificando, e optou pela reconstrução, na medida do possível, sendo que os seus valores estavam implicados na sua axiologia africana. A dança dos terreiros, os batuques dos tambores e as histórias da mãe África foram se juntando e transformando o Carnaval, que era um ato de segregação racial, em momento de manifestação e expressão dos seus anseios sociais através da cultura do Carnaval.

O Carnaval de Corumbá

Por volta da década de 1920 o Carnaval se tornou prática cultural sistemática na cidade de Corumbá. Segundo Nachif e Alves (2018 p.291), o

[...] festejo tinha a duração de três dias e dele participaram 200 turistas e 9.500 habitantes. Os foliões jogavam água na população pacata que aderiu à brincadeira. Nesses três dias, os participantes faziam críticas sociais, em tom de brincadeira, ao passo que nos bailes carnavalescos danças típicas, tal como a quadrilha, eram executadas. Em acordo com o padrão cultural da festa brasileira, o carnaval corumbaense também cultivava o panorama elegante das cadeiras nas calçadas para que as damas assistissem ao corso.

O tempo passou e novos elementos foram se juntando e tornando a festa cada vez mais atrativa. Sendo ainda uma novidade na cultura local o carnaval chegou trazendo mudanças em uma época em que tudo ainda era de se estranhar por se tratar de uma cidade pequena.

Em 1927, filhos de fazendeiros, mais tarde, começaram a exhibir seus automóveis, cantando as marchinhas carnavalescas nacionais dos anos anteriores, atirando serpentina, confete e lança-perfume. Inúmeras eram as marchas carnavalescas que ritmavam o carnaval em Corumbá. Temas como a exaltação do Rio Paraguai, da própria cidade, do povo e da Marinha, que ali tem uma base fluvial, animavam a festa (Nachif e Alves, 2018, p.291).

Destaco que os desfiles de carros ocorrem até os dias atuais na cidade, sendo hoje realizado por carros antigos, fazendo marco a esses fatos históricos. Por sua vez os lançamentos de perfumes foram proibidos por causar inúmeros acidentes com foliões. “Na década de 1940, os avanços carnavalescos e os bailes nas casas das famílias e nos clubes concorreram para a aparição dos personagens Rei Momo e Rainha. Nas ruas, os desfiles, os novos blocos e as batalhas de confetes prosperavam” (Nachif e Alves, 2018, p.292).

As tradições do Rei momo retratam uma tradição dos primeiros Carnavais do Mundo onde durante os festejos de Carnaval os papéis eram invertidos, onde alguém do povo tomava o lugar das autoridades. Assim, de forma simbólica, o Rei momo recebe as chaves da cidade da maior autoridade presente para comandar a festa.

Em Corumbá, no movimento efervescente de 1946, surgiu a primeira Escola de Samba, denominada “Deixa Falar”, fruto da presença de marinheiros foliões cariocas, vinculados ao 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil. Instaurado o modelo carioca, as fantasias de maior grandeza, a participação popular nas alas dos desfiles das escolas e os carros alegóricos mais elaborados chamaram a atenção de repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro, em especial no que se refere ao “Enterro dos Ossos”, a brincadeira do dia seguinte (domingo) do carnaval oficial (Nachif e Alves, 2018 p.292).

Nos desfiles atuais durante as festividades carnavalescas, exatamente na terça de Carnaval um bloco de pessoas vestidas de marinheiros desce a avenida para comemorar esse novo marco do Carnaval de Corumbá, e tudo bem elaborado, cantando o presente sem esquecer do passado.

No ano de 1985, a fauna e a flora pantaneira foram exaltadas nos desfiles das escolas de samba em Corumbá. Nos enredos das escolas de samba, nos carros alegóricos e nos adereços usados no desfile festivo, o Pantanal foi cantado como símbolo de qualidade ambiental. Essa tendência se difundiu e continua sendo reiterada. Os símbolos locais têm sido exibidos nas fantasias (Nachif e Alves, 2018 p.295).

Ainda guardo na memória com eram esses desfiles nos anos de 1990, quando ia ver os desfiles de carnaval com meus pais. Assim que as escolas de samba desciam a avenida com seus carros alegóricos (na época ainda eram caminhões todos decorados), com alguns foliões vindo em cima sambando. Mas as fantasias das alas já eram bem elaboradas. Na época não havia muitas escolas de samba e o desfile terminava cedo. Meu pai chegava em casa e ainda ia ver o desfile das escolas do Rio de Janeiro, na televisão. Naquele momento, o ponto alto da festa ainda era nos clubes, sendo que os mais frequentados eram o clube Noroeste e o clube Riachuelo, os dois localizados no alto da Rua Frei Mariano.

No ano de 1992 o carnaval de Corumbá ganhou ares de carnaval Baiano, uma vez que os bailes, agora populares, passaram a acontecer na Praça Generoso Ponce, onde era montado um palco para que as bandas locais e nacionais animassem a folia logo após os desfiles das escolas de samba. As festas em clubes foram se acabando a cada ano que se passava. A banda que durante muitos anos fez sucesso na cidade durante os dias de carnaval se chamava MBW. Os caminhões do Corpo de Bombeiros jogavam água nos foliões durante a festa que ia até o amanhecer. Porém, com o desaparecimento dos bailes nos clubes, surgiram os blocos não oficiais, que até os dias atuais realizam o carnaval em locais distantes da Avenida (passarela do samba corumbaense) com uso de abadás, trios elétricos e espaços fechados (adquiridos mediante compra de ingressos) para seus foliões.

Em 2002, o carnaval parecia “perto do fim”, com apenas duas Escolas de Samba, Mamona e Pesada. A “baianização”, termo usado para se referir a adesão ao modelo de carnaval da Bahia, impunha a utilização de um trio elétrico que subia e descia a Avenida Frei Mariano, no centro de Corumbá (Nachif e Alves, 2018 p.296).

No ano seguinte, 2003, com o apoio do governo federal, investiu-se na organização estrutural da passarela do samba dando mais suporte ao poder público que adquiriu arquibancadas e com melhoria na sonorização. Naquele momento com recursos financeiro, instrumentos novos também foram adquiridos pelas escolas de samba. Surgiram novas escolas, algumas que naquele que ainda eram pequenos blocos aceitaram o desafio e se tornaram escolas, algumas escolas que haviam desaparecido do Carnaval retornaram com apoio do poder público assim intensificando a disputa entre elas, elevando o profissionalismo entre os carnavalescos e, sobretudo, aumentando a oferta de trabalho, e elevando o nome do Carnaval de Corumbá a se consolidar como o maior da Região Centro-Oeste Brasileiro (Nachif e Alves, 2018).

Mas foi entre 2014 e 2015 que o carnaval se consolidou. A celebração da festa durante sete dias, com aproximadamente 45 mil turistas somados aos 110 mil habitantes, promoveu a dinamização dos setores de comércio e serviços e a afirmação da indústria cultural no evento. O carnaval em Corumbá vem se revelando prática cultural dinâmica, aberta às influências externas, em especial do que emana do Rio de Janeiro. Conta, para tanto, com o apoio dos atores sociais envolvidos na festa (Nachif e Alves, 2018, p. 297).

As escolas foram se adaptando, em conjunto, e para manter a cultura do Carnaval de Corumbá viva foram recebendo de bom grado as iniciativas do poder público. Logo no início lá nos primeiros desfiles proporcionavam união entre todas as agremiações, o evento sempre foi bem-organizado e participação em massa da população corumbaense. Um momento que ficou marcado como o ressurgimento do Carnaval de Corumbá foi a intervenção do governo federal, através do Presidente Luiz Inacio Lula da Silva, que no logo no seu primeiro mandato priorizou o incentivo à, com isso o Carnaval ganhou grandeza, com isso algumas escolas de samba ressurgiram e outras foram criadas com a mudança de blocos para escolas de samba.

O Carnaval de Corumbá possui atualmente 10 escolas de samba. São elas: Grêmio Recreativo e Escola de Samba A Pesada, com sua sede localizada na região Central, na Ladeira Cunha e Cruz; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Acadêmicos do Pantanal está localizada na entrada do Bairro Aeroporto; Grêmio Recreativo e Escola de Samba Caprichosos de Corumbá, que tem como sede a rua General Rondon, no Bairro Dom Bosco; já a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Estação Primeira do Pantanal está localizada no Bairro Maria Leite; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Imperatriz Corumbaense tem sua localização no Bairro Aeroporto, aos fundos na Rua República do Paraguai; Grêmio Recreativo e Escola de Samba Império do Morro, que hoje está sem uma sede oficial; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Marquês de Sapucaí está localizada no Bairro Dom Bosco, na Rua Marechal Floriano; a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mocidade Independente da Nova Corumbá, que é a única Agremiação da Zona Sul, no Bairro da Nova Corumbá; a Grêmio Recreativo e

Escola de Samba Unidos da Major Gama, que como o próprio nome já diz está localizada na Rua Major Gama, próximo aos trilhos da ferrovia; e por fim a Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Vila Mamona, que está localizada no Bairro Universitário, na Rua Rio Branco. O carnaval corumbaense é organizado pela Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá (LIESCO), sendo que as dez escolas estão localizadas em diferentes comunidades da cidade, levando e promovendo cultura e informação.

Os desfiles estão organizados da seguinte forma: na semana que antecede a data do carnaval é realizada a escolha da corte de momo que irá comandar a festa, onde a mesma recebe a chave simbólica da cidade. Na passarela do samba que se inicia na Rua Frei Mariano, centro comercial da cidade, e se prolonga pela Avenida General Rondon, famosa pelas suas palmeiras imperiais, de segunda a sexta desfilam os blocos de sujeitos⁶, levados por bandas em trio elétrico, com as tradicionais marchinhas de carnaval, aonde literalmente “vai quem quer”. Alguns blocos têm camisetas personalizadas, outros os participantes vão do jeito que quiserem, fantasiados com temas variados, e também onde homem se veste de mulher e a mulher de homem, como nos antigos carnavais com a ideia das inversões de papéis. Um dos blocos mais famosos é o Cibalena, com cerca de 40.000 mil participantes em uma única noite.

No sábado de carnaval é a vez dos blocos oficiais comandados pela LIBLOC (Liga Independente dos Blocos Oficiais de Corumbá), no domingo e na segunda-feira acontecem os desfiles das escolas de samba, que se apresentam em número de 5 por dia. Por sua vez, na terça-feira, último dia da folia, acontece o carnaval cultural, onde desfilam para a passarela, entre outros, o bloco dos marinheiros, os palhaços, os famosos bonecos gigantes, o desfile de carros antigos, os cordões carnavalescos e as pastorinhas, e ainda ao final de cada dia de apresentação acontecem, comumente, shows populares na Praça Generoso Ponce, anexa à Avenida General Rondon, onde se apresentam bandas locais e nacionais.

Também refletindo sobre a intensidade e as relações que envolvem o carnaval e a comunidade corumbaense, vou citar um projeto de inclusão social que faço parte em uma escola de samba de Corumbá, MS. O projeto Imperadores do Amanhã, que pertence ao Grêmio Recreativo e Escola de Samba Imperatriz Corumbaense, que está localizada no Bairro Aeroporto, com a finalidade de ajudar as famílias carentes desta comunidade e também com o intuito de modernizar o carnaval da cidade, formando mão de obra qualificada para não só a

⁶ O desfile do Bloco dos Sujos é o mais tradicional, depois dos desfiles que são iniciados os shows musicais, com bandas da cidade e região. O Bloco do sujeito é um bloco carnavalesco e abre oficialmente o carnaval na cidade e saem pelas ruas com a Ala de abertura formada pelas porta-bandeiras e atrás vem a batucada, com Bandeiras e vestuários (Vieira, 2014).

Imperatriz, mas para todas as dez agremiações, procuramos parcerias com diferentes organizações públicas e privadas e recebemos ajuda de algumas pessoas. Durante a pandemia de covid-19, no ano de 2020, a escola já tinha conseguido formar algumas costureiras com pessoas da comunidade, onde iniciou-se a confecção de máscaras de pano e TNT (tecido não tecido), e realizou-se a doação para diferentes organizações públicas e privadas e para pessoas da comunidade. Estes foram longos meses em que não se tinha condições de falar em festa ou em carnaval, mas a escola sem ganhar um real em troca estava realizando um bem social, mesmo sendo considerada uma escola nova, com pouco tempo de Avenida em relação as demais. Com esta atitude estava provocando uma ação educativa e social.

Neste tempo, novas ideias surgiram, pois, muitas famílias perderam seus empregos, e se sabia que algumas famílias passavam fome. Sendo assim, os Filhos de Santo do presidente da Imperatriz vestiram a camisa do projeto, e as vestes do candomblé, e com ajuda de amigos da comunidade conseguiram confeccionar centenas de marmitex, onde realizavam a distribuição tanto no Bairro Aeroporto quanto na parte alta da cidade⁷. O local onde foi realizado o projeto pertence ao Bairro Nova Corumbá, onde estão localizados o Guanã 1 e 2, que são conjuntos habitacionais, assim como também se estendeu a locais onde naquele momento algumas famílias não tinham como pagar aluguel e havia sido criado um assentamento urbano.

O tempo passou e a covid, após muita luta pela vacina, também amenizou, quando voltamos a poder festejar. Hoje o projeto promove uma ideia com o nome de varal solidário, onde a escola recebe muitas doações de roupas e em datas pré-estabelecidas promove a doação destas às famílias carentes, que é desenvolvido da seguinte forma: são colocadas as roupas em um gigante varal montado na frente da sede da agremiação e as pessoas interessadas podem pegar as roupas conforme a sua necessidade, sem necessitar falar com alguém. Em todas as vezes que é realizado, em algumas horas as roupas são doadas. A escola iniciou no ano de 2022 o projeto de formação de casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira, onde já conseguimos levar um casal para a Avenida. A próxima meta é formar uma bateria completa com pessoas da comunidade do Bairro Aeroporto, compreendendo que com pequenas iniciativas a agremiação vai ganhando notoriedade na comunidade, transformando vidas num local onde anos atrás já se evidenciou altos índices de criminalidade.

⁷ A cidade de Corumbá fica às margens do Rio Paraguai e é constituída por bairros que ficam mais próximos às margens do rio, inclusive a região central da cidade, os quais são considerados Parte Baixa, aproximadamente do seu Porto Geral até a linha férrea, e de bairros que estão desta mesma linha para mais distante do rio e da área central, ficando conhecido como Parte Alta da cidade.

Caminhos Metodológicos

A presente pesquisa se caracteriza por ser uma investigação qualitativa que se utiliza das bases de uma pesquisa bibliográfica. Para compreender melhor como foi realizada esta pesquisa podemos citar, segundo Pizzani et al. (2012, p. 54), citado por Brito, De Oliveira, Silva (2021 p.6) que “[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico e o levantamento bibliográfico pode ser realizado [...] em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes”. Desta forma realizamos nossa busca, mesmo já tendo algumas informações sobre o Carnaval, mas necessitava de algo que pudesse fazer sentido toda a vivência que trazia comigo, e foi através da pesquisa bibliográfica e realizando as leituras que tudo começou a constituir uma outra apropriação. Trago também a escrita de Gil (1999, p. 65) citado por Brito, De Oliveira, Silva (2021 p.7) que

[...] explicita que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de permitir [...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Isso facilitará a vida do pesquisador quando tiver que lidar com um problema de pesquisa que enfatiza determinadas informações e dados que se encontram muitas vezes dispersos ou fragmentados.

Com os dados em mãos, artigos selecionados, surgiram algumas dúvidas, não sabia por onde eu deveria começar, os autores Deslandes, Gomes, Minayo (2009) deixam tudo mais claro quando dizem que, a metodologia não se trata só técnicas, e sim um conjunto entre a teoria, a realidade empírica e o pensamento desta realidade.

Juntando todas essas informações e uma vez que tentou responder ao questionamento inicial elaborado desde as possibilidades de relação entre o carnaval e a educação a partir de uma busca em estudos e escritas desenvolvidos e publicado no sítio eletrônico do Portal de Periódicos da Capes - <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

Esta pesquisa se desenvolveu com a utilização de alguns descritores combinados, porém o estudo e diálogo de compreensão contido neste trabalho está concentrado na opção de busca que se refere às expressões combinadas “carnaval” e “educação”. Com a realização desta busca como marco temporal de 2013 a 2023 onde foram encontrados 46 textos, sendo que entre estes emergiram algumas repetições e, deste total e alicerçado em uma leitura particularizada de cada um dos resumos, títulos e palavras-chave, foram selecionados inicialmente 7 textos que expressavam a relação com o tema diretamente proposto neste trabalho. Porém 1 dos textos foi descartado por se tratar de uma tese de doutorado, restando assim 6 textos para a análise que será apresentada abaixo.

ANO	AUTORES	TÍTULO	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO
2019	Patrícia de Morais LIMA, Fabiana DUARTE	As Crianças na Escola de Samba: O saber-fazer da Etnografia em contextos locais de Educação	ZERO-A -SEIS
2020	Jusciele Conceição Almeida de OLIVEIRA, Simone de Jesus SANTOS	Negros Saberes em Festa: Alê Aiyê e Olodum e suas transformações	EXTRAPRESA Cultura e Comunicação na América Latina
2020	Fabricio Romani GOMES	A História que (quase) ninguém conta: as/os dissidentes do heteroCistema na Educação e nas passarelas do samba	PERIODICUS
2020	Ana Lucia da SILVA, Tereza Kazuko TERUYA	Descolonizando o currículo escolar e o ensino de história: Agudas, os retornados a África	ODEERE Revista do Programa de Pós- graduação em relações étnica e contemporaneidade
2022	Clark MANGABEIRA, Helenise Monteiro GUIMARÃES	Aquelas belas vidas que desfi(l)amos: biografias, Escolas de Samba e propostas culturais	Revista caminhos da Educação diálogos, cultura e diversidade
2023	Jose Walter Silva e SILVA, Jason Ferreira MAFRA	Apontamentos sobre a Epistemologia circular dos blocos Afro carnavalescos de Salvador	ECCOS Revista Científica

Através de uma pesquisa realizada em Florianópolis/SC, visitando um projeto de uma escola de samba da comunidade Morro da Caixa, durante o período de 3 anos (2016, 2017, 2018), os autores fizeram o acompanhamento de um projeto que formava jovens casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira. Os pesquisadores Lima e Duarte (2019) buscavam aprofundar seus estudos voltados a visão de infância no contexto do carnaval, nesse mundo de

transformação onde a cultura emerge como forma de educação. Para Lima e Duarte (2019 p.279), “[...] pensando a infância por outros lugares, em outros contextos sociais e culturais, buscando compreender a metodologia utilizada na construção dos saberes locais sobre a criança”.

Conforme relatos dos autores é que durante os ensaios eles não conseguiam realizar uma comunicação verbal com as crianças pesquisadas, uma vez que por se tratar de escola de samba os ensaios são realizados com o som ligado com volume bem elevado. Durante as visitas seguintes foi observado que existiam uma forma de comunicação entre os coordenadores do projeto e as crianças, sendo que a comunicação se dava como forma de olhar, no uso de expressão corporal, comandados por gestos de seus coordenadores. Enfim, a comunicação se fazia presente de uma forma intensa pela corporeidade, assim os pesquisadores conseguiram compreender a dinâmica utilizada (Lima, Duarte, 2019). “Considerar as crianças do Morro da Caixa como atores sociais, implica no reconhecimento da capacidade de produção simbólica e as constituições das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas infantis” (Lima, Duarte, 2019, p. 291).

Assim podemos compreender as constituições de conhecimento em uma comunidade, sobre o lugar da criança na tradição carnavalesca e da cultura negra. A educação se fez presente no contexto infantil trazendo a representatividade da cultura negra, no ensino e aprendizagem da dança como expressão e cultura de um povo, a dedicação dos coordenadores desenvolvendo um método para onde junto com as crianças consigam compreender e desenvolver formas de comunicação.

Por sua vez, no texto construído por Oliveira e Santos (2020), traz a importância dos blocos Alê Aiyê e Olodum para o carnaval de Salvador - BA, e o quanto estes vem transformando vidas através de seus projetos sociais e reforçando a importância da preservação da identidade negra. Nas palavras de Oliveira e Santos (2020 p.298) “[...] pode-se vivenciar atividades que se estendem e lhes são vivenciadas para além desse período, como propõe os blocos Afro nos seus projetos educacionais, artísticos, sociais, culturais e políticos”.

Podemos perceber apesar de se tratar de blocos de carnaval, eles carregam com eles uma infinidade de fatores onde com seu trabalho sociocultural transformam a vida da comunidade onde estão inseridos e trabalham firmemente na valorização e preservação da cultura negra num cenário de festa com muita responsabilidade cultural. Podemos entender o carnaval como um lugar de repensar comportamentos discriminatórios, excludentes, por meio da contestação por maior respeito à diversidade. “Enfim, como lugar de educação, que é deixado de lado pela indústria cultural, pela mídia, que hierarquizam, criando um único modelo, padrão de beleza do carnaval” (Oliveira, Santos, 2020, p. 300).

Nessa mistura que é o ambiente dentro das comunidades, de acolhimento e respeito, podemos aprender que todos temos o direito de viver e ser feliz sem a necessidade de agredir ou querer ser superior ao outro. Os presidentes das agremiações carregam com eles a responsabilidade de unir a comunidade deixando sempre exposto que o único debate permitido é pela melhoria da comunidade, preservando sempre o ambiente de harmonia. Vemos que a Escola criada pelo bloco Olodum é uma importante mobilização educativa de negros e negras, trazendo a esses jovens a importância de se reconhecer como negro numa sociedade onde estes são marginalizados pelo simples fato de ser quem são: negros. O bloco Olodum elaborou um material em quadrinhos de fácil aceitação das crianças e adolescentes, através de parcerias viabilizando as questões étnicas (Oliveira, Santos, 2020).

Seguindo o mesmo raciocínio, Oliveira e Santos (2020) reforçam que as cartilhas em quadrinhos vêm em forma de música ensinar que a discriminação pode ser enfrentada com a afirmação identitária que se transforma em autoestima. Mesmo sabendo que o desafio ainda é grande por se tratar do Brasil, um país que ainda possui uma dívida imensa, onde muitos não sabem e não querem falar sobre direitos e igualdade, mas o carnaval através de seus movimentos segue fazendo a transformação de vidas.

Fabricio Romani Gomes (2020) traz um estudo realizado no ano de 2020, voltado a um contexto histórico, onde resolveu pesquisar enredos de escolas de samba de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, sendo que esse estudo foi realizado em Porto Alegre com alunos da educação básica. Gomes (2020, p. 228) trouxe o seguinte questionamento: “onde se aprende sobre história de homossexuais, bissexuais e transsexuais, entre outras possibilidades em relação a sexualidade de gênero?” Com a perspectiva de trabalhar a discriminação social que ocorre na sociedade, Gomes (2020) buscou o enredo como o da escola de samba Mangueira, do carnaval de 2019, onde a agremiação fez uma homenagem a Marielle Franco, mulher, negra, homossexual, e vereadora que foi assassinada no Rio de Janeiro.

Ao estudar o enredo, os alunos, segundo Gomes (2020, p.229), chegaram a fazer referências ao regime de Hitler, fazendo essas ligações do ontem com o hoje através dos estudos realizados com os enredos, realizando uma transformação no modo de ver e viver a história. Foram trabalhados diversos enredos. Gomes (2020, p.242) diz que as escolas de samba têm noção de estar tocando em temas delicados. Logo (Gomes, 2020, p. 245), diz que “ao estudar história através dos enredos nas salas de aula, parece que podemos avançar no resgate da história que podem empoderar, humanizar e reparar a dignidade despedaçada dos desobedientes do chamado heteroCistema”.

Esse estudo surgiu como uma alternativa, como Gomes (2020, p.246) diz que precisamos fazer algo, pois essas páginas ausentes da história do Brasil precisam se fazer

presente, mesmo se manchadas de sangue. Isso trazendo, contudo, a importância desse movimento que as escolas de samba realizam no contexto do carnaval, mostrando que não é só beleza, luxo e festa e sim tudo junto com o objetivo de trazer informação e de ter coragem em tocar em temas que muitos não querem nem saber ou tem medo de dizer e o carnaval fazendo e trazendo informação, realizando mudança de atitudes e transformando comunidades, mesmo muitas vezes sendo a festa onde só ricos podem entrar, o carnaval dando seu grito de liberdade através de seus enredos pensados e trabalhados nas comunidades.

Em sua obra, os autores Ana Lucia DA SILVA e Teresa Kazuko TERUYA (2020) trazem o uso da pedagogia cultural como um caminho possível para combater os estereótipos que desqualificam o povo negro e seus descendentes e somente através da educação é possível combater e desconstruir. Para as autoras, “A cultura popular negra é um local por excelência de contestação estratégica e traz à tona elementos de discurso que é diferente, ou seja, formas de vida, outras tradições de representações” (Da Silva, Teruya, 2020, p.42).

Essas representações se trata da cultura do carnaval onde o grito dos excluídos acontece na avenida onde as escolas relatam a história de luta do povo negro crua e dura embutidos nas letras e melodias do samba enredo. Com isso as autoras trazem para estudo o samba enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Tijuca (2003), escola que pertence ao Grupo Especial das Escolas do Rio de Janeiro. Segundo (Da Silva, Teruya 2020 p.51)

As pedagogias culturais estão fora dos muros das instituições escolares, ou seja, ocorrem em diferentes espaços da vida social, por exemplo: nas escolas de samba com seus sambas enredo e enredos apresentados na festa do carnaval e na mídia. Por isso, a noção de pedagogia além do espaço de sala de aula, dos muros da escola, é muito potente.

Conforme os autores (2020), pensar em pedagogia já se pensa em formas de educação e ensino, trazer isso para o carnaval onde encontramos diferentes grupos de pessoas com diferentes formas de pensar e agir na sociedade, mas ao mesmo tempo percebemos que este é o verdadeiro papel da pedagogia, onde na escola nos ensinam diversas formas de pensar e agir na sociedade, modos de ver, de ser e de viver no mundo, assim em conjunto produzir nossas representações, mas nesse caso em especial no Carnaval através da música como instrumento poderoso de contestação, trazendo as lutas sociais de um povo na melodia. “Havia um ideal de branqueamento e a esperança de desaparecimento dos não brancos, povos negros e pardos eram conhecidos como inferiores” (Da Silva, Teruya, 2020, p. 45).

Por isso podemos destacar que além de importantes os enredos carregam com eles a luta pela conscientização da sociedade em geral, que existiu e ainda existe diferentes formas de discriminação no Brasil. “[...] os sambas enredos, produzem representações, significados e sentidos acerca dos temas que versam e difundem a pedagogia cultural” (Da Silva, Teruya, 2020, p. 54).

Os autores Mangabeira e Guimarães (2022) trazem um estudo que foi realizado no ano de 2022, onde relatam todo o processo de elaboração e construção de um samba enredo de uma escola de samba do carnaval do Rio de Janeiro. Para Mangabeira e Guimarães (2022, p.2) as escolas de samba

[...] se desdobram em possibilidades educacionais em sentido amplo: é uma festa que forma e informa, que contesta, que debate temas sociais e, de maneira artística, apresenta-se ao público, com música, danças, cores, texturas e dinâmicas que condensam perspectivas contrastantes e/ou complementares sobre o Brasil e o mundo.

Dessa aproximação entre a educação no espaço do carnaval, em relação a construção dos sambas enredos, posso destacar como frequentador assíduo nos barracões, das minhas experiências durante esse processo de escola e elaboração de um enredo e o tema que a escola decide levar à Avenida. Já o samba vem depois dessa fase, pois após a escolha do tema são levantados dados do enredo, onde é realizada uma pesquisa bibliográfica do tema escolhido, mas não fica só nisso, por que são realizadas visitas ao local a ser homenageado, são colhidos depoimentos de pessoas da região, são colhidos materiais históricos, como fotos antigas de lugares e pessoas que tiveram alguma influência histórica, para que tudo se aproxime ao máximo da realidade vivida pelos responsáveis na elaboração do enredo. Mangabeira e Guimarães (2022, p.11) trazem que

[...] as escolas de samba ensinam principalmente, portanto, a potência da carnavalização. Através dela, realidades aparecem e surge possíveis novas vidas culturais. O conhecimento e a prática educativa daí derivados não se centram apenas em uma racionalidade pretensamente universal, mas nos saberes múltiplos que perpassam o fazer carnavalesco; O resultado é a carnavalização a cultura e o desdobramento político e educativo resumido na efetivação artística total.

Nesse contexto temos que observar sempre como no processo de educação ao ensinar aprendemos mais do que ensinamos, nesse processo de pesquisa para a construção do enredo ideias surgem de como fazer, do desenrolar dos trabalhos, da carnavalização do enredo, são realizados aprimoramentos a partir das experiências vividas de cada um envolvido no processo de criação e transformação de uma ideia em luxo, alegria e informação.

Jose Walter Silva e Silva e Jason Ferreira Mafra realizaram no ano 2023 um estudo em Salvador, Bahia, com o foco nos blocos do carnaval Baiano. Neste os autores dizem que

[...] os blocos afro carnavalescos produzem conhecimento a partir das práticas de resistência ao racismo e das reflexões que fazem sobre as mesmas práticas, fundamentalmente criadas e recriadas a partir das vivências psicossociais das pessoas negras e não por grupos exteriores a elas (Silva e Mafra, 2023, p. 4).

“[...] o conjunto dos blocos afrocarnavalescos ancora a sua práxis pedagógica em uma epistemologia circular, organicamente vinculada à (re)criação de sentidos socio-historicamente construídos e percebidos como significativos pela população negra baiana” (Silva e Mafra,

2023, p.4). Nesse breve recorte podemos observar que existe um reconhecimento da população negra da representação que o bloco afro carnavalesco faz na comunidade. Silva e Mafra (2023, p. 5) dizem que com a “[...] implantação de projetos sociais nas comunidades, destacadamente aqueles voltados a produção cultural, a educação, a geração de emprego e renda, bem com a inclusão e ao empoderamento feminino”. Podemos dizer que reforça

[...] a importância dos agentes do carnaval na comunidade, podemos citar Mãe Hilda Jitolu, então líder espiritual do bloco ILÊ AIYÊ no ano de 1988, onde lutou pela criação de uma escola na comunidade, com o projeto político pedagógico voltado às necessidades da comunidade (Silva e Mafra,2023 p.15).

Considerações Finais

No desenvolvimento deste trabalho foram pesquisados diferentes artigos, inicialmente para uma construção histórica do carnaval enquanto manifestação cultural e popular, e depois para um levantamento da sua relação com a educação, onde chegamos ao entendimento que existe uma infinidade de fatores que tornam a cultura do carnaval como uma pedagogia que funciona fora dos muros da escola, que influencia pessoas, como uma espécie de grito de liberdade, trazendo em seus enredos histórias de vidas, sobretudo vividas por negros, indígenas e brancos, mas também trazendo as luta das mulheres, do público LGBTQIA+, as relações entre pobres e ricos, a religiosidade em sua multiplicidade de um povo e trazendo reconhecimento as suas causas vividas no seio da comunidade. Comunidade esta que tem seus anseios representados na Avenida (ou seriam Avenidas?), aqui na cidade de Corumbá e por muitos lugares no Brasil, ainda que de diferentes formas.

As grandes escolas do Rio de Janeiro e São Paulo realizam este papel social e educacional levando ao mundo nos seus desfiles luxuosos, com enredos trabalhados, pesquisados e com objetivos de provocar e ensinar que a cultura é uma fonte de informação e de formação. O carnaval expressa uma cultura que evolui a cada ano e transforma a(s) avenida(s) de diferentes estados do Brasil, em grades teatros a céu aberto.

Não podemos esquecer dos diferentes relatos nas pesquisas bibliográficas e na minha vivência sobre o papel social das escolas de samba nas comunidades. As escolas com seu poder político perante o poder público se tornam também órgãos de representatividade das comunidades onde estão instaladas, na busca de recursos para melhorias e trabalhos socioeducativos nas comunidades, levando cultura, conhecimento e oportunidade de emprego às pessoas que vivem os cotidianos das cidades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Minha casa o Mundo.: **Ideias e Letras**. Aparecida – SP. 2008, p. 164.

BRITO, Ana Paula Gonçalves. DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago. SILVA, Brunna Alves. A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS QUALITATIVAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, p.1-15/2021

DA COSTA, Gustavo Villela Lima. Governamentalidade e Soberania na Fronteira Brasil-Bolívia: Segurança Nacional e Saúde Pública como Dispositivos de Poder. **Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2013.

DA SILVA, Ana Lucia. TERUYA, Teresa kazuko. Descolonizando o currículo escolar e o ensino de história. **Revista Odeere Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. PPGREC**. Paranã, dezembro 2020.

DE OLIVEIRA, Jusiele Conceição Almeida. SANTOS, Simone de Jesus. Negros saberes em festa: il ailyê e olodum e sua transformações. **Revista Extra Prensa Cultura e Comunicação na América Latina**. Salvador-BA, 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. MINAYO, Marcia Cecilia de Souza. Pesquisa Social, Teorias, Métodos e Criatividade. Editora Vozes. 28 ed. Petrópolis- RJ.2009

DUARTE, Fabiana. LIMA, Patrícia de Moraes. As crianças na escola de samba: o saber-fazer da etnografia em contextos locais de educação. **Revista de Zero-a –Seis**. Florianópolis/ Santa Catarina, dezembro2019.

E SILVA, Jose Walter Silva. MAFRA, Jason Ferreira. Apontamentos sobre a epistemologia circular dos blocos afro carnavalescos de salvador. **Eccos revista científica**. Salvador, 2023.

GOMES, Fabricio Romani. A história que (quase) ninguém conta: as/os dissidentes do heteroCistema na educação básica e nas passarelas do samba. **Revista Periódicus**. Rio Grande do Sul, 2020

GONÇALVES, Júlio César. ISQUIERDO, Sérgio Wilton Gomes. FRONTEIRA BRASIL, BOLÍVIA E PARAGUAI NO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ: UMA ABORDAGEM SOBRE AS DIFERENTES DIVISÕES POLÍTICO ADMINISTRATIVAS. **Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, Corumbá, MS. 2011.

MANGABEIRA, Clark. GUIMARÃES, Helenise Monteiro. Aquelas belas vidas que desfilamos: bibliografias, escolas de samba e propostas culturais. **Revista Caminhos da Educação Diálogos, Cultura e Diversidades**. Rio de Janeiro, 2022.

MARTENELLI, Gustavo, MORAES, Miguel Avila ; Livro vermelho da flora do Brasi tradução Flávia Anderson, Chris Hieatt. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: **Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2013.

MORONI, Benedito de Godo. Carnaval Origem, evolução e Presidente Epitácio. **Fundação Biblioteca Nacional**. São Paulo, 2011

NACHIF, Denise Abrão. ALVES, Gilberto Luiz. O Carnaval em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, 2018.

PAIXÃO, Paulo. Significado de nomo. **Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa**. Porto, Portugal, 2008-2023.

PRUDENTE, Celso Luiz. SILVA, Dacirlene Célia, MARTINHO, Neudson Johnson, , Maracatu: uma marca cultural ibero-ásio-afro-ameríndia no carnaval do Nordeste. **Extraprensa Cultura e Comunicação na América Latina**. São Paulo, Jul/dez 2020.

RIBEIRO, Debora, significado de gregário. **Dicionário online de Português**. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2017.

VESENTINI, Jose Willian, *Sociedade e Espaço. Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: **Ática**, 2006.

VIEIRA, Servas. Bloco Carnavalesco. **Grupos Artísticos**. São Domingos do Prata, 2014.

